

## “PUTIN’S WAR AND THE RE-OPENING OF HISTORY” DE JEAN-FRANÇOIS CARON<sup>i</sup>

PEDRO PIRES 

O pesquisador Jean-François Caron, doutorado em Ciência Política pela Universidade Laval (Quebéc, Canadá, em 2010) e atualmente professor associado no Departamento de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Nazarbayev em Astana, Cazaquistão, dispõe de um substancial histórico de obras publicadas na área da Ciência Política, onde aborda temas relacionados com a teoria política, ética pública e relações internacionais, com particular atenção à autoridade do Estado, nacionalismo, crise política, segurança e liberdade civil.

Em obras como *Les conditions de l’unité politique et de la sécession dans les sociétés multinationales: Catalogne, Écosse, Flandre, Québec* (Henderson et al., 2016), Caron explora os fatores que determinam a unidade e a instabilidade política nas sociedades multinacionais, enquanto em *L’Occident face au terrorisme: regards critiques sur 20 ans de lutte au terrorisme contre le terrorisme* (Caron, 2021), discute como a luta contra o terrorismo contemporâneo não pode ser levada a cabo pelas formas tradicionais. Em publicações recentes, nota-se a prevalência de temas relacionados com o conflito russo-ucraniano, sendo os artigos “*Russia’s Iron Horse and Its Logistics Limitations in the Ukrainian War*” (Caron, 2023b) e “*The Battle of Bakhmut: The Story of a Strategic Miscalculation*” (Caron, 2024) prova dessa direção de análise. É nesta ótica que se apresenta o livro *Putin’s War and the Re-Opening of History*, de Jean-François Caron, publicado em 2023 (Caron, 2023a).

A obra, dividida numa introdução e em quatro capítulos: “Compreendendo as razões da invasão da Ucrânia pela Rússia”, “O legado eslavófilo”, “A política externa da Rússia e a sua mudança civilizacional”, e, por fim, “O contributo ideocrático da Rússia para o mundo de amanhã”, aborda a complexidade do atual conflito russo-ucraniano, cujas origens o autor pretende determinar. A génesis deste conflito, de acordo com a visão geopolítica russa é averiguado com particular detalhe, de forma a clarificar as possíveis narrativas adjacentes à ação bélica.

Após esta análise, Caron oferece uma verdadeira viagem guiada ao que acredita ser a visão russa do conflito, argumentando que a perspetiva geoestratégica prevalente no Ocidente, o Realismo – uma escola de pensamento das relações internacionais que encara a política mundial como uma competição entre Estados num sistema global anárquico – não nos confere uma visão completa da natureza deste tema, particularmente o seu caráter ideológico, que conclui ser a principal motivação para a ocorrência do conflito. Desta forma, explora a história dessa matriz ideológica que identifica como a corrente civilizacional, fruto do legado filosófico eslavófilo do século XIX, em plena oposição à corrente liberal-ocidental. O autor finaliza a obra sublinhando o potencial desta nova corrente ideológica, argumentando que com o ganho de maior relevância no panorama global, tornar-se-á uma alternativa ao atual pensamento liberal dominante, evocando uma contradição à notória teoria do *Fim da História* de Fukuyama (1992).

As tradicionais explicações para o desencadear do conflito são mencionadas, como a narrativa da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) pós-Guerra Fria, que ameaçou os interesses geopolíticos russos na Europa de Leste, provocando uma reação russa que, eventualmente, escalou ao ponto da guerra convencional. O contexto histórico inerente a esta explicação percorre uma lista de desejos quebrados pelo Ocidente face aos interesses geopolíticos russos num espaço que considerava seu, o mundo pós-soviético. A alegada promessa de James Baker, antigo Secretário de Estado dos EUA, em 1990, de que a OTAN não se expandiria nessa direção caso a União Soviética permitisse a reunificação da Alemanha, exemplifica essa ocorrência.

Recebido: 30/04/2025. Aceite: 26/07/2025. Publicado: 29/07/2025.

<sup>i</sup> Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, Edifício, IGOT, R. Branca Edmée Marques, 1600-276, Lisboa, Portugal. E-mail: [pedronuno@edu.ulisboa.pt](mailto:pedronuno@edu.ulisboa.pt)

Segundo o autor, as possíveis adesões da Geórgia e Ucrânia à OTAN, propostas em 2008, na Cimeira de Bucareste, representaram a confirmação final das intenções ocidentais, reforçando a posição hostil que a Rússia tomaria. A evolução desta visão também é explorada, descrevendo que a original política externa “pró-Ocidental” de Boris Yelstin, Presidente da Federação Russa durante o período 1991-1999, foi abalada por eventos que criaram ceticismo quanto à integridade e funcionamento da ordem internacional à qual pretendiam aderir. A intervenção americana no Kosovo, em 1999, e a invasão do Iraque, em 2003, ambos atos que desafiam o consenso das Nações Unidas, criaram a percepção, para a Rússia, que a ordem global liberal não representava uma organização justa de países onde os benefícios seriam mútuos, mas uma ferramenta para impor a hegemonia americana. Deste modo, a ambição russa de ser reconhecida como uma grande potência, nunca se concretizaria.

Com a dimensão geoestratégica definida, Caron averigua algumas das consequências geopolíticas da escalada do conflito em 2022: a posição internacional da Rússia foi severamente afetada, alvo de sanções e ostracizada por importantes secções do globo; os objetivos militares russos na Ucrânia não se concretizam, o que transforma o que já seria uma controversa jogada geopolítica num autêntico desastre; e a China, que mantém relações importantes com o Ocidente, é surpreendida pela escalada de hostilidades entre os seus parceiros liberais e iliberais. Desta forma, as consequências geopolíticas do aparente fracasso da “Operação Militar Especial” são de tal forma negativas para a suposta posição internacional russa, que a lógica geoestratégica que a devia justificar não confere respostas marcadamente satisfatórias. Logo, Caron introduz uma nova justificação para o desencadear e a persistência deste conflito: a ideológica.

Para entender a influência do caráter ideológico na política externa russa contemporânea, Caron decide primeiramente analisar as raízes dessa mesma ideologia: o Eslavofilismo. Esta ideologia define-se pela “rejeição de todos os valores considerados estrangeiros à alma russa e ligados à desordem, impiedade, instabilidade e caos da Europa” (Caron, 2023, p. 33). Surge no século XIX como resposta à visão Ocidentalista, que pretendia uma aproximação aos valores europeus provenientes do Iluminismo, e rejeita-os devido à influência da religião ortodoxa na sociedade e psique coletiva russas.

Juntamente com uma visão messiânica proveniente do conceito de “Terceira Roma”, o Eslavofilismo adota uma posição irreconciliável em relação ao que considera influências heréticas. Adicionalmente, o legado político-cultural russo, como o autoritarismo de influência mongol, une-se à tradição religiosa do poder político e resulta numa concentração de poder na figura singular do governante, reforçando a oposição aos ideais liberais ocidentais. Mesmo com o estabelecimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), um projeto civilizacional fruto de pensamento ocidental, o antagonismo ao Ocidente e o conceito de uma missão civilizacional distinta persistiram. Consequentemente, o modo de governança de Putin reflete a continuidade dessa tradição autocrática e repúdio pelos valores liberais ocidentais, demonstrando que o caráter ideológico presente na política externa russa contemporânea se encontra profundamente enraizado numa perspetiva histórica civilizacional distinta e, em muitos aspectos, oposta ao Ocidente.

Apesar da política externa russa pós-Guerra Fria realçar as diferenças civilizacionais existentes (excluindo a política internacionalista liberal de Andrei Kozyrev, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Federação Russa, 1991-1996, que foi rejeitada pela sociedade russa), o modo como interagia com o Ocidente mudou radicalmente. Entre 1996 e 2012, Caron considera que essa relação consiste numa política estadista que define que “o poder, a estabilidade e a preservação da soberania da Rússia tinham de ter precedência sobre o estabelecimento da democracia e da liberdade individual” (Caron, 2023, p. 59). Para alcançar esses objetivos, a política direcionada ao Ocidente foi de coexistência, cujos laços se fortaleceram sob uma visão pragmática de Putin, que pretendia alcançar o crescimento económico através de uma integração limitada.

A rutura dessa política ocorreu com as “revoluções coloridas” em países pós-soviéticos e os protestos internos de 2011 e 2012, que levaram Putin a reinterpretar o Ocidente como uma ameaça direta à identidade e soberania russas. Consequentemente, adotou uma nova política externa, o civilacionismo, baseado na ótica messiânica da referida “Terceira Roma” e no legado eslavófilo, prevalecendo uma retórica conservadora, que critica o Ocidente pelo seu hedonismo e decadência moral. Deste modo, o conflito russo-ucraniano, pode ser apresentado como parte dessa luta civilizacional, destinada a impedir que o Ocidente contamine a esfera cultural e política russa.

A oposição ideológica à ordem Ocidental que o civilacionismo apresenta, é de particular interesse para o autor, que acredita no seu potencial doutrinário, prevendo a sua possível disseminação em outras regiões onde o cosmopolitismo moral do Ocidente, percecionado como imperialismo cultural, choca com os valores tradicionais preferidos. Desta forma, a convergência

ideológica por parte de um bloco “iliberl” poderá criar um novo confronto ideológico mundial, desafiando o “Fim da História”.

Em suma, o livro explora um aspecto que considera essencial para entendimento do conflito russo-ucraniano: a visão civilizacional. Independentemente do grau de influência que essa vertente poderá ter no ponto de vista russo, a análise histórica e ideológica dessa perspectiva é certamente bem-vinda e esclarece o leitor em relação às suas particularidades. Igualmente bem-vindo é o espírito crítico exibido pelo autor ao longo da obra, que confronta as narrativas estabelecidas sobre as origens do conflito. O ano de publicação deste livro constitui outro fator relevante que deve ser mencionado, já que as condições que afetam o conflito russo-ucraniano alteram-se constantemente. A inauguração de uma nova administração americana ideologicamente distinta da anterior representa essa volatilidade ao adotar posições marcadamente diferentes das previamente delineadas.

Se, de facto, o conflito é caracterizado por este confronto de visões civilizacionais opostas, a característica mais importante deste conflito poderá ser o seu desfecho. Apesar da sua ocorrência ter impactado o globo severamente, a sua conclusão influenciará a luta civilizacional permanentemente, permitindo a emergência de uma nova visão civilizacional ou o fortalecimento da já estabelecida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Caron, J. F. (2024). *The Battle of Bakhmut: The Story of a Strategic Miscalculation*. The Journal of Slavic Military Studies, 37(2), 216–227. <https://doi.org/10.1080/13518046.2024.2373632>
- Caron, J. F. (2023b). *Russia's Iron Horse and Its Logistics Limitations in the Ukrainian War*. The Journal of Slavic Military Studies, 36(3), 294–302. <https://doi.org/10.1080/13518046.2023.2283963>
- Caron, J. F. (2023a). *Putin's War and the Re-Opening of History*. Springer Nature. <https://doi.org/10.1007/978-981-99-8167-0>
- Caron J. F. (2021). *L'Occident face au terrorisme: regards critiques sur 20 ans de lutte contre le terrorisme* [The West faces terrorism: critical perspectives on 20 Years of counterterrorism]. Presses de l'Université Laval. <https://www.pulaval.com/livres/l-occident-face-au-terrorisme-regards-critiques-sur-20-ans-de-lutte-contre-le-terrorisme>
- Fukuyama, F. (1992). *The end of history and the last man*. Free Press.
- Henderson, A., Baudewyns, P., Caron, J.F., Pittock, M., Requejo, F., Reuchamps, M...De Winter, L. (2016). *Les conditions de l'unité politique et de la sécession dans les sociétés multinationales: Catalogne, Écosse, Flandre, Québec* [The conditions of political unity and of secession in multinational societies: Catalonia, Scotland, Flanders, Quebec]. Presses de l'Université Laval. <https://www.pulaval.com/livres/les-conditions-de-l-unite-politique-et-de-la-secession-dans-les-societes-multinationales-catalogne-ecosse-flandre-quebec>

---

<sup>1</sup> Terceiro lugar do concurso “Livros que contam: descobre um livro e dá-o a conhecer” de 2025 – parceria entre a Biblioteca do CEG-IGOT (ULisboa) e a Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia, visando estimular a escrita de sínteses de obras científicas, contribuindo para o reforço do conhecimento, da curiosidade e da criatividade dos estudantes do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT-ULisboa) e entidades parceiras.